

GTPOS

Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

EDITORIAL

O impulso que o trabalho com os grupos de adolescentes, ligados ao GTPOS através do Projeto Trance essa Rede, vem adquirindo, nos impõe a tarefa de pensar com maior profundidade sobre seu significado.

Ao mesmo tempo que, em termos demográficos no Brasil, o número de adolescentes supera o de nascimentos, temos observado, perplexos, comportamentos relacionados a este grupo que chamam atenção, seja por sua dramaticidade e extremismo, seja pela força e autenticidade que os adolescentes podem imprimir às suas ações, ou ainda, paradoxalmente, pela aparente indiferença e falta de objetivos observadas em alguns segmentos.

Estatísticas chocantes, publicadas no jornal "Folha de São Paulo" em 3/5/98, revelam a explosão da contaminação pelo HIV, e o aumento de gravidez e aborto entre adolescentes.

Tema central em nosso trabalho, os projetos preventivos em sexualidade e DST/aids, são o instrumento mais indicado para combater a dramaticidade deste quadro.

Procuramos, nesta primeira edição do **Boletim GTPOS** deste ano, ampliar e discutir a questão da adolescência sob variados aspectos.

GTPOS

Adolescentes: entusiasmo e cidadania

por Elisabeth Maria Vieira Gonçalves e
Ricardo Castro e Silva

Hoje, a equipe do GTPOS debate uma questão proveniente de nosso trabalho: **o que faz com que adolescentes de ambos os sexos permaneçam num trabalho contínuo de prevenção, apesar de tantas dificuldades?** Falta de tempo, longas distâncias e custo do transporte, imediatismo frente a obtenção de resultados, e dificuldades em relação às divergências de opiniões, não têm impedido que o trabalho continue.

O GTPOS coordena, desde 1996, núcleos de formação de adolescentes multiplicadores, que desenvolvem ações educativas sobre sexualidade e prevenção das DST/

aids, junto a outros grupos de adolescentes de comunidades, e escolas públicas e particulares da cidade de São Paulo – **Projeto Trance esta Rede**. Os jovens participam de grupos de discussão e vivência, compartilhando expectativas, sentimentos, valores, sonhos e projetos de vida. Apropriam-se de diferentes formas de comunicação, como a música, o teatro, a dança, transformando-as em veículos de prevenção.

Essa realidade se contrapõe a outras imagens sobre o adolescente, presentes em nossa cultura dos anos 90: o adolescente incapaz, delinqüente, irresponsável, desin-

CONTINUA NA PÁGINA 2

Atenção:
O GTPOS ESTÁ DE CASA NOVA
veja na página central desta edição

Adolescentes: entusiasmo e cidadania

CONTINUAÇÃO

teressado, apático. A casa, a escola, o serviço de saúde, as instituições responsáveis pela guarda e pelo “bom” desempenho de meninos e meninas, muitas vezes reforçam esta imagem, estabelecendo uma relação utilitária, demagógica, e antiética com este adolescente.

Sob o olhar distorcido por falsos esteriótipos, situações de opressão, carências, falta de informação, falta de escola, de trabalho, de serviços de saúde, de perspectivas de realização pessoal são omitidas, impedindo um real comprometimento dos educadores com a realidade vivida pelos adolescentes.

O adolescente, em cada época, tem sido a síntese de seu tempo. Se olharmos o adolescente de hoje, vamos conhecer os anos 90 - a velocidade e a conseqüente falta de tempo, o descomprometimento com o outro traduzido no abandono, a projeção no futuro por falta de um lugar no presente, o desejo de não ser o que se é devido à sua desvalorização e o desafio de encontrar novas formas de estabelecer vínculos afetivos.

Estamos vivendo uma época em que muito se fala sobre o adolescente. Uma época em que o individualismo passa de forma acentuada todas as relações. Os adolescentes ganharam espaço no discurso de outros, e perderam terreno nas próprias ações. Cada vez mais publicações, teóricas, técnicas, sobre e para jovens. É neste vácuo que começam a surgir iniciativas que, timidamente a princípio, incluem os adolescentes como co-participantes de projetos e ações a eles relacionadas.

Articulados com outras Ongs, testemunhamos a permanência e a continuidade de adolescentes envolvidos e empolgados com propostas de ações na comunidade. Permanecem, porque há um lugar ao qual pertencer. Existe o grupo - rede de vínculos - lugar de autoria, de impressão de marcas. Movimento que contribui para a construção de sua própria identidade enquanto sujeito desejante.

A inserção no grupo potencializa o desejo de experienciar ações conjuntas que favoreçam conhecer e transformar a realidade social na

qual estão inseridos, podendo assim, ressignificá-la.

É preciso que o adolescente ocupe o seu espaço. Seja autor do seu movimento em direção à tomada de consciência da realidade social à qual pertence, à visualização de propostas de atuação nesta realidade, ao planejamento, concretização e avaliação do que é proposto e realizado.

Não dá para conceber um trabalho de sexualidade e prevenção das DST/aids sem a presença do adolescente, sujeito de sua própria sexualidade, aprendendo e ensinando um jeito próprio de se cuidar e cuidar do outro. Suas idéias, medos, paixões e irreverências são as tintas com as quais vão escrever seu modo de lidar com estas questões ligadas a Aids, a gravidez não esperada, ao abuso sexual, as doenças sexualmente transmissíveis e outras conseqüências não desejadas no exercício da sua sexualidade.

No aspecto conceitual foi Antonio Carlos Gomes da Costa quem cunhou a expressão protagonismo juvenil, precisando desta forma a participação direta e ativa dos jovens no planejamento, realização e avaliação de ações nos mais diversos campos do social.

A questão central associada à participação dos jovens no social é a possibilidade do exercício de sua cidadania, não como apenas objeto de atenção das políticas públicas, da família, dos outros, mas como sujeitos participantes e autores. O adolescente tem muito a falar a partir de seu olhar. Falar não o politicamente correto, o esperado, o treinado. Mas falar através de sua experiência no mundo em que vive.

O desafio que nós educadores temos hoje, é acompanhar e favorecer este movimento. Acompanhar não é fazer por, é ir e vir junto. Podemos reencontrar lugares onde adolescentes possam viver, criar e recriar rituais de passagem, que permitam o contato com sentimentos ainda não decifrados, porém presentes, mistérios ainda não compreendidos, e que todos possam dançar a sua dança da vida através de ações transformadoras.

**Os adolescentes
têm muito
a falar, a partir
do seu olhar**

CDI INDICA

Livros

◆ CONFORTO, Maria Thereza Alves. **Saúde Sexual e Reprodutiva na Adolescência: o desafio de institucionalizar ações na saúde e educação.** Brasília. Rumo, 1998.

◆ DOLTO, Françoise. **A Causa dos Adolescentes.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

◆ MADDALENO, Matilde e al. **La Salud del Adolescente y del Joven.** Washington. OPS, 1995.

◆ ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo: orientação para pais e educadores.** Rio de Janeiro, 1996.

Vídeos didáticos

◆ Protagonismo Juvenil: a construção do jovem autônomo, solidário e competente. Belo Horizonte, 60 min.; distribuído por Modus Faciendi.

◆ Vulnerabilidades: vulneradolescente. São Paulo, 15 min.; distribuído por FMUSP.

O CDI – Centro de Documentação e Informação do GTPOS sugere livros, vídeos e outros materiais relacionados ao tema do Boletim, com o intuito de auxiliar o educador em seu trabalho. Não comercializamos este material, podemos apenas fornecer endereços de quem os produz.

ATENÇÃO
O GTPOS
MUDOU DE
ENDEREÇO.
ANOTE AÍ:

Rua Monte Aprazível, nº

199

Vila Nova Conceição

04513-030

São Paulo/SP
Brasil

ESPAÇO DO EDUC

Folia e prevenção

por
Elizabeth
Parronchi
Borges Bahia
Figueiredo

Minha fantasia neste carnaval foi o kit do Ministério da Saúde: camiseta com slogan alusivo à prevenção, duas mochilas cheias de camisinhas e ventarolas informativas. Pronta para o trabalho de distribuí-las, me deparei com alguns adolescentes foliões do Projeto **Trance essa Rede**, no meio da avenida. Eles logo vieram perguntar se eu tinha camisinhas, porque também queriam distribuí-las. Dividimos o material e iniciamos o trabalho. Minutos depois eles já haviam distribuído tudo e retornaram para pegar mais material. Ao abrir a mochila para pegá-las, fomos literalmente agredidos por outros jovens que se encontravam na expectativa de ganhá-las. Foram distribuídos tapas e pontapés, até que deixei a mochila cair no

chão, senão meu braço sairia machucado. Mesmo assim, os adolescentes do **Trance** não desistiram. Pegaram a mochila e se juntaram novamente a mim. Afastamo-nos do grupo que provocou o incidente e continuamos o trabalho.

Esses jovens me surpreenderam, pois meu grupo de trabalho no **Trance essa Rede** é composto por adolescentes da favela de Heliópolis. Com essa iniciativa, eles demonstraram que, como pretende o nome, a “**Rede**” é uma realidade. Ao mesmo tempo que não participam do trabalho diretamente comigo, fazem parte da Rede, portanto do GTPOS, mostrando-se solidários e companheiros.

O entusiasmo dos jovens me fez pensar sobre a importância

do trabalho com adolescentes. Ninguém é obrigado a participar dos grupos, ninguém é remunerado por estar lá. Mas o que observamos é que eles retornam sempre, a grande maioria traz mais amigos e a Rede vai aumentando dia a dia. A sede de cada encontro poder falar e discutir coisas novas, encontrar ou fazer novos amigos, parece proporcionar uma segurança maior enquanto cidadãos atuantes.

Muitas vezes não levamos em conta a capacidade de ação que esses jovens têm na sociedade, não os considerando como geradores de mudanças. Esta capacidade de ação é percebida durante os trabalhos realizados, onde além dos temas básicos das oficinas (sexualidade, prevenção das DST/aids, anticoncepção,

**Educar 98 - V Feira
Internacional de Educação**

13 a 16 de maio / São Paulo
Palácio das Convenções do
Anhembi
tel (013) 289.6001

**IX Congresso Latino
Americano de Sexologia e
Educação Sexual**

28 a 31 de outubro de 1998
Cidade do México
inf.fax (52-5) 573.3460
tel. (52-5) 513.1065
e-mail:
femess@mail.internet.com.mx

**VII Congresso de Educação
para o Desenvolvimento**

29 a 31 de maio de 1998
Palácio das Convenções, Anhembi,
São Paulo
tel.:(011) 283.1255
fax.:(011) 285.2003

A D O R

etc.), muitos outros assuntos atuais e de interesse do grupo são discutidos, o que nos leva a refletir sobre o quanto eles têm para falar, quantas associações fazem e como muitas vezes, não os ouvimos com a devida atenção. Não dá para desconsiderarmos o valor desta troca em nosso trabalho, e o aumento de conhecimento.

Woodstock, Beatles, Tropicalia, Diretas Já, Manifestações de 68, os Cara Pintadas... Quantas mudanças políticas, sociais e culturais foram protagonizadas por jovens!

► **Elisabeth P. Borges Bahia Figueiredo é membro do GTPOS, e coordena grupo de adolescentes multiplicadores na comunidade de Heliópolis, pelo Projeto Trance Essa Rede.**

PARA ALÉM DO POLÍTICAMENTE CORRETO,
AQUI CABEM AS MAIS ATREVIDAS INDAGAÇÕES

Quem define o lugar do adolescente?

por Maria Aparecida Barbirato

O conceito de protagonismo juvenil, foi desenvolvido pelo pedagogo mineiro Antonio Carlos Gomes da Costa. Ele propõe uma mudança de paradigma sobre a maneira da sociedade ver o jovem, deslocando sua visão do adolescente como **problema** para identificá-lo como fonte de **solução**.

◆ Define a adolescência como um 2º nascimento do indivíduo e atribui como tarefas básicas deste período a construção da identidade pessoal/social e a construção de um projeto de vida.

◆ Emoldura a juventude de hoje na economia globalizada, no trabalho pós-industrial e na cultura pós-moderna. E configura o quadro liberal do mundo atual como carente de utopias, esvaziado de valores éticos e saturado de exclusão social.

◆ Interroga como pensar o papel da educação neste cenário de clivagem entre parcelas da juventude integradas à globalização e a juventude excluída.

◆ Considera que entramos no século XXI com o fim da polaridade entre capitalismo e socialismo, isto é entre os modelos de **autonomia e individualismo** versus **solidariedade e dependência**.

◆ Propõe que nos apropriemos do melhor desses dois mundos, e que a educação estimule em cada jovem a **autonomia** e a **solidariedade**. A prática e a vivência desses dois conceitos, pelo curso dos acontecimentos mais do que pelo discurso das palavras é a sua definição de **protagonismo juvenil**.

◆ Considera que o grande desafio da educação hoje é fazer com que os jovens identifiquem, incorporem e vivenciem valores positivos. Define valor como a força capaz de tirar o indivíduo da sua indiferença, e valores positivos como aqueles relacionados ao bem-estar, ao desejo e à auto-realização.

Chamamos à atenção, porém, ao cuidado que deve-se ter na proposição de metas pedagógicas. Apesar desta proposta apontar a necessidade dos adultos se voltarem para o **ser** do adolescente, mais do que para o **dever ser**, ela coloca ao mesmo tempo, em alguns momentos, **o educador como o protagonista da cena**; como aquele que vai “fazer com que o jovem identifique, incorpore e vivencie” tais ou quais valores “positivos” ...

Achamos que a educação deve ter sim seus valores e objetivos. Mas que deve evitar utilizá-los a serviço de transformar o aluno em mero coadjuvante da educação para a cidadania.



Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...¹

por Maria Cecília Pereira da Silva²

A morte do índio Galdino e a impunidade dos adolescentes que a provocaram revelaram a imoralidade que reina em nosso país e nos faz pensar sobre que valores éticos e morais os adolescentes brasileiros vêm assimilando na nossa cultura. Afirma Jurandir Freire Costa³ que o lema ensinado em nosso país fala “que viver é competir e que a vida sem valor de mercado simplesmente não tem valor algum;” ensina, ainda, “que uma vida eticamente orientada pela cooperação, solidariedade e respeito pelos mais frágeis é uma estupidez criada por incompetentes sem inteligência e capacidade para oferecer alternativas aceitáveis ao deus Mercado”. As crianças e adolescentes com aids sofrem os preconceitos mais impunes da humanidade. Esse preconceito é mais que um crime de crueldade, fruto desta imoralidade. A quem interessa resolver o lixo moral que alimenta a discriminação e mantém à deriva parcelas da população – sejam índios ou crianças/adolescentes soropositivos? Não podemos ficar indiferentes.

Em reunião recente, promovida pela John Snow LTDA., Instituto PROMUNDO, UNICEF e Ministério da Saúde, várias Ongs - ligadas a Casas de Apoio para crianças e adolescentes soropositivos e a trabalhos de sexualidade e prevenção das DST/aids - discutiram exaustivamente diversos problemas. Estão entre eles: a preocupação com o crescimento da transmissão vertical do vírus, orfandade e adoção, o uso e distribuição incorretos dos medicamentos e as dificuldades em lidar com questões ligadas à sexualidade e com os desejos de maternidade e paternidade dos soropositivos.⁴

Há no Brasil 183 mil crianças afetadas diretamente pela aids, muitas delas órfãs e/ou desalojadas em decorrência da doença. Os casos notificados até março de 1997 somam 3363 crianças com aids no Brasil, sendo que 1521 já faleceram, na sua maioria vítimas da transmissão perinatal. São 2572 casos de adolescentes

soropositivos notificados, mas todos os indicadores demográficos e sócio-econômicos evidenciam que essa é a população em situação de maior vulnerabilidade, pois, a incidência de infecção nessas faixas etárias é a maior, proporcionalmente, que nas outras.

Surpreendi-me, nesse encontro de Brasília, por um lado, ao escutar as declarações sobre o nível de preconceito às crianças e adolescentes soropositivos - aos adultos também -, na escola, na vizinhança, no bairro; e, por outro, ao identificar o esforço e o altruísmo das pessoas que trabalham nos diversos tipos de apoio a essa população. A aids continua tendo que ficar escondida da comunidade. Há pessoas que preferem receber ajuda das Casas de Apoio, através de Centros de Saúde ou hospitais, a ser denunciada sua condição entre os moradores da vizinhança; como se ser portador do vírus os tornassem criminosos. Na escola a doença também fica omitida.

Cerceada pelo preconceito, Valéria Polizzi, em seu livro **Depois daquela viagem**, editora Ática, 1997, num tom coloquial vai nos envolvendo na trama real de sua vida após a notícia de que era soropositiva. Nos toca por falar da dor de se sentir excluída, da falta de solidariedade, da dor de não poder deixar transparecer o que corre em seu sangue, de não se sentir aceita por inteira, da estranheira de sua condição.

Como sentir todo o furor da sexualidade pelo corpo e alma, próprio da adolescência, e conviver com o preconceito rondando...? Nos momentos de paixão, onde a fantasia é de unicidade, o HIV vem impor a realidade da alteridade. E como fica isso transposto para o adolescente soropositivo? O outro se torna um fantasma da discriminação e o soropositivo um alvo para a manifestação dos preconceitos. Valéria afirma que “mais difícil que ter o vírus era fingir que não tinha”. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é... ► **CONTINUA NA PÁGINA 6**

Como
conviver com
o preconceito
rondando?

1
música de
Caetano
Velloso

2
Psicanalista e
Membro fundador do
GTPOS -
Grupo de
Trabalho e
Pesquisa em
Orientação
Sexual.

3
Artigo Faces
da Imoralidade do próprio autor, in
Folha de São Paulo, 15-3-98.

4
Essa reunião ocorreu nos dias 3 e 4 de novembro de 1997, em Brasília. Os dados citados constam do relatório escrito por Miguel Fones e Sérgio Santos intitulado “Análise Situacional e Desafios para o Desenvolvimento de Projetos de Assistência a Crianças Órfãs e Desalojadas em Razão da Aids e Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade”, apresentado durante o evento.

BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual financiada pelo PN DST/AIDS – Ministério da Saúde. Rua Monte Aprazível, 199 Vila Nova Conceição 04513-030 São Paulo/SP Brasil Fone (011) 822.8249 Fax (011) 822.2174

EQUIPE DO GTPOS:

Presidente de Honra: Marta Suplicy
Presidente: José Luiz Brant de Carvalho
Vice-Presidente: Ivone do Canto Almeida

Antonio Carlos Egypto, Córdélia de Souza Castelo Branco, Dalva Taveira Menocci, Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves, Francisca Vieitas Vergueiro Vonk, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina Domingues Pinto, Maria da Glória Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva, Ricardo de Castro e Silva, Rosângela Maria Rigo, Silvio Duarte Bock e Yara Sayão.
Secretaria: Lane Ferreira Magalhães
Atendimento CDI: Sidnei Xavier dos Santos

Coordenação Editorial: Francisca Vieitas Vergueiro Vonk

Colaboraram nesta edição: Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves, Francisca Vieitas Vergueiro Vonk, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Ricardo de Castro e Silva e Silvio Bock.

Apoio: Fundação MacArthur

Jornalista responsável: Nelma de Fátima Firmiano (MTB 13582)

Projeto Gráfico e Edição de Arte: Moema Kuyumjian

Impressão: Gravasa
Tiragem: 8.000 exemplares

DIAS 5, 6 e 7 DE JUNHO DE 1998.
Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual junto a Adolescentes

DIAS 22 e 23 DE MAIO DE 1998.
Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual junto a Crianças

OFICINAS DE PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS PARA EMPRESAS

Projetos elaborados de acordo com a solicitação e necessidade de cada empresa

Informações e inscrições pelos telefones:
(011) 822.8249 e (011) 822.2174

Os pagamentos podem ser parcelados em 2 vezes

S E R V I Ç O

ATENDIMENTO DO CDI

O Centro de Informação e Documentação é um serviço gratuito do GTPOS aberto ao público. Nossa biblioteca e videoteca são especializadas em temas tais como: sexualidade, gênero, aids, DST e drogas. Além de livros e vídeos, dispomos de apostilas, relatórios, anais de congressos, artigos veiculados na mídia. Todos os itens podem ser consultados no local, sendo que as publicações esgotadas no mercado podem ser fotocopiadas. Fornecemos listagens de indicações bibliográficas por fax e correio.

Rua Monte Aprazível, 199

Vila Nova Conceição - São Paulo - CEP 04513-030

Fax: (011) 822.2174 / Tel: (011) 822.8249

Atenção para os novos endereços eletrônicos:

gtpos@that.com.br

cdi@that.com.br

Netsite: <http://web.that.com.br/gtpos>

Horário de funcionamento do CDI:
segunda à sexta-feira, das 13h30 às 17h30

continuação do artigo da página 5:

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...”

► diria Caetano. Temos muito que trabalhar para dar sentido a nossas vidas. Mas como manter a confiança, a auto-estima e encontrar um sentido de vida? Como fazer projetos futuros? Valéria faz isso com maestria. Nessa realidade dura de ser vivida ela se pergunta: “Como seria o mundo se todas as pessoas começassem a gastar um pouco do seu tempo umas com as outras?” Valéria convoca um mundo mais humano.

Seja qual for o caráter da instituição - Ong ou não - envolvida com trabalhos de prevenção das DST/aids, faz-se mister novas políticas e programas, com profissionais capacitados, que promovam espaços de discussão sobre a sexualidade com esses adolescentes/crianças, integrando conhecimentos, emoções e sua história pessoal. E, ainda, com toda a sociedade, para que possam nascer valores mais éticos e solidários e se façam valer os direitos do cidadão.

BOLETIM Nº 13 JAN / ABR 98

GTPOS

GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

Fone (011) 822.8249 Fax (011) 822.2174

Rua Monte Aprazível, 199 – Vila Nova Conceição – 04513-030 São Paulo/SP Brasil